

O sábio Apolônio de Tiana na cidade de Alexandria: a visão do sofista grego Filóstrato sobre a capital da província romana do Egito (século III d.C.) *

The sage Apollonius of Tyana in Alexandria: the view of the Greek sophist Philostratus about the capital of the Roman province of Egypt (third century AD)

Semíramis Corsi Silva**

Resumo: Este artigo objetiva interpretar passagens do livro V da obra de natureza biográfica *Vida de Apolônio de Tiana*, escrita pelo sofista grego Flávio Filóstrato em meados do século III d.C. Visamos, com isso, a mostrar como um sofista grego, inserido nas estruturas de poder do Império Romano na época da dinastia dos Severos, percebia a cidade de Alexandria nas relações estabelecidas por seu personagem, o sábio viajante Apolônio, em passagem por esse espaço. Além disso, pretendemos analisar a possibilidade da viagem para Alexandria ter sido real ou uma criação do sofista, refletindo sobre a ótica e os possíveis anseios de Filóstrato.

Abstract: This paper aims to interpret specific passages of the book V of the biographical work *The Life of Apollonius of Tyana*, written by the Greek sophist Flavius Philostratus in the mid-third century A.D. We intend to demonstrate how a Greek sophist, inserted in the structures of power in the Roman Empire at the time of the Severan dynasty, perceived the city of Alexandria through the analyses of the relations established by his personage, the sage traveler Apollonius, who used to stay at this space. Furthermore, we intend to discuss if the trip to Alexandria was real or a creation by the writer, reflecting about the perspective and aspirations of Philostratus.

Palavras-chave:

Dinastia dos Severos;
Alexandria romana;
Sofistas Gregos;
Filóstrato;
Vida de Apolônio de Tiana.

Keywords:

Severan Dynasty;
Roman Alexandria;
Greek Sophists;
Philostratus;
The Life of Apollonius of Tyana.

Recebido em: 15/05/2014

Aprovado em: 11/06/2014

* Agradecemos ao Prof. Dr. Gilvan Ventura da Silva e ao Prof. Me. Belchior Monteiro Lima Neto pelo convite para a elaboração desse artigo.

** Doutora em História pela UNESP/Franca. As reflexões deste artigo fazem parte de nossa tese de doutorado, orientada pela Profa. Dra. Margarida Maria de Carvalho, a quem agradecemos pelas orientações e incentivos constantes. Nossa pesquisa de doutorado recebeu financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio de bolsa de doutorado no país e também de bolsa de doutorado sanduíche no exterior (PDSE), para estágio na Universidad de Salamanca, Espanha. Na Espanha, agradecemos à Profa. Dra. María José Hidalgo de la Vega (USAL), nossa supervisora, que tanto nos ajudou a compreender os sofistas gregos no Império Romano.

Introdução

Apolônio de Tiana viveu, provavelmente, no século I d.C. No entanto, sua trajetória, e mesmo sua realidade, são permeadas por dúvidas. Nascido em Tiana, na província romana da Capadócia, Apolônio esteve envolvido em diversas polêmicas, sendo comparado a Jesus Cristo, no século IV d.C., por Sosiano Hierócles, governador da Bitínia e perseguidor de cristãos ao lado de Diocleciano, que teria valorizado os atributos miraculosos de Apolônio contra Jesus Cristo, testemunho que, porém, não chegou até nossos dias. Tal comparação foi criticada, mais tarde, pelo cristão Eusébio de Cesareia, em *Resposta a Hierócles*. Apolônio foi também acusado de práticas mágicas e, ao que parece, teria se relacionado com governantes romanos, informações contidas na *Vida de Apolônio de Tiana*, obra escrita pelo sofista grego Filóstrato, no século III d.C., sendo a mais rica fonte de informações sobre o tianeu.¹

A *VA*, de Filóstrato, se configura como um longo relato da vida e, essencialmente, das viagens do capadócio, as quais, segundo o testemunho do sofista Filóstrato, teriam durado toda a vida adulta do protagonista. Filóstrato transformou o tianeu, com fama de praticante de magia, na forma negativa que estas práticas podiam ter na época do Império Romano, em um sábio filósofo pitagórico.²

Apolônio saiu da Capadócia, passando pelas províncias da Cilícia, Panfília e Síria. A caminho da Índia, Apolônio passou pela região da Armênia, por terras do Império Parto, parando na Antiga Ninos;³ viajou pela chamada “terra dos árabes” (Osroena), pela

¹ Abreviaremos o título da obra como *VA*, conforme regras de abreviação do *Oxford Classical Dictionary*. A obra *Vidas dos sofistas*, também de Filóstrato, será abreviada como *VS*. Estamos usando duas edições de *VA* neste artigo: uma da Editora Gredos, com tradução de Alberto Bernabé Pajares; e outra de Harvard University Press, contida na coleção Loeb Classical Library, com tradução de Christopher Jones. As traduções dos textos em língua estrangeira citadas nesse artigo são nossas.

² Apolônio é mencionado de maneira negativa em Luciano de Samósata (*Alexandre ou o falso profeta*, 5). De acordo com Gascó (1990, p. 280), podemos também considerar a passagem XXIX da obra *Philopseudes*, de Luciano, como uma referência irônica e crítica a Apolônio. Aparecem menções a Apolônio, relacionando-o às práticas de magia consideradas negativas, também em Dião Cássio, contemporâneo de Filóstrato (*História romana*, LXVII, 18; LXXVIII, 18, 4). Há, ainda, referências a Apolônio de maneira negativa em obras posteriores ao texto de Filóstrato, como na já citada *Resposta a Hierócles*, de Eusébio de Cesareia.

³ Na tradução do grego para o espanhol da Editora Gredos, Pagares (1979) traduz o nome desta cidade como Nínive. Jones (2005), por sua vez, em sua tradução da *VA* para a Harvard University Press, traduz como está no grego: Antiga Ninos. Jones (2001; 2005) propõe que a cidade tratada como Nínive, de onde se originava o discípulo de Apolônio, Damis, não seria a assíria Nínive, mas a cidade de Hierápolis, na Síria. O problema se dá pelo fato de que Filóstrato não mencionou o nome da cidade em si, tratando-a

Císsia e estabeleceu pouso de um ano na Babilônia. No retorno da Índia, Apolônio foi novamente à Babilônia, à antiga Ninos e depois a várias cidades gregas. Então, ele viajou para Roma, Gadir (Gades, na Hispânia Bética, atual Cádiz), passou por regiões do norte da África, Egito e Etiópia. Nos últimos livros, Apolônio fez novas viagens para cidades gregas, Roma e terras itálicas. Portanto, como podemos perceber, Filóstrato descrevia Apolônio em viagens por regiões que faziam parte do Império Romano, que não pertenciam à administração romana (como Índia e Etiópia) e mesmo por locais cujos povos eram inimigos dos romanos (como no caso do Império Parto).⁴

A *VA* está dividida em oito livros. Nosso objetivo, neste artigo, é analisar passagens do Livro V que situam Apolônio em viagem pela antiga região do Egito, mais especificamente pela cidade de Alexandria. Buscaremos analisar a possibilidade da viagem para Alexandria ter sido real, refletindo sobre o Apolônio histórico, ou se a mesma foi uma criação filostratiana. Para isso, cruzaremos informações da *VA* com a análise das cartas tidas pela tradição como escritas por Apolônio de Tiana e também com leituras de uma bibliografia especializada.

Diante dessa documentação, delimitado o espaço geográfico a ser analisado, visamos, nesse artigo, compreender a representação do sofista grego Filóstrato sobre a cidade de Alexandria. Partimos do pressuposto de que Filóstrato, inevitavelmente, imprimiu sua visão no protagonista da *VA*. Desta forma, para compreender melhor as impressões de Filóstrato, faremos, primeiramente, uma apresentação do autor e de aspectos essenciais da escrita deste texto.

Considerações sobre Filóstrato e a escrita da *Vida de Apolônio de Tiana*

Flávio Filóstrato foi um destacado sofista grego da ilha de Lemnos, parte do território ateniense. Foi próximo à corte dos imperadores da dinastia dos Severos, Septímio Severo e Caracala, e, possivelmente, chegou a viajar junto com o cortejo imperial, por manter boas relações com a imperatriz Júlia Domna, esposa de Septímio e

como a Antiga Ninos – *archaia Ninos*. Segundo Jones (2001, p. 188), pela análise da rota de viagem de Apolônio, seria mais fácil que essa cidade fosse Hierápolis, e não Nínive, sendo que o nome Antiga Ninos poderia se referir a ambas. Acreditamos que não cabe aqui nos posicionarmos sobre esta problemática, não sendo esta cidade nosso objeto de investigação neste artigo. Por isso, preferimos deixar os dois possíveis nomes de locais mencionados como rota de Apolônio.

⁴ As atividades de Apolônio em algumas regiões por onde ele passa não são descritas na *VA*, apenas são mencionadas as regiões, como é o caso da Líbia (Filóstrato, *Vida de Apolônio*, V, 11).

mãe de Caracala, para quem, segundo Filóstrato, foi escrita a obra sobre a vida de Apolônio de Tiana (*Vida de Apolônio*, I, 3).

Entre o *corpus* documental produzido por Filóstrato, destacamos a obra *Vidas dos sofistas*, uma série de textos de caráter biográfico sobre sofistas e filósofos considerados sofistas. Para nós, Filóstrato via seu ambiente de uma perspectiva sofística. Afinal, ele foi um dos escritores a catalogar a existência e o universo destes indivíduos em *VS*, deixando transparecer, em seus demais textos, este universo e a afirmação da cultura grega, comum aos membros da Segunda Sofística. Isso demonstra a importância que os sofistas tinham para ele, levando-o a se preocupar em escrever e afirmar a história de sua categoria. A obra de Filóstrato, inclusive, é o documento mais antigo, que chegou até nós, a mencionar o termo *Segunda Sofística* (*Vida dos Sofistas*, I, 481; 501).

Já a *VA*, escrita provavelmente durante as três primeiras décadas do século III d.C., é um texto controverso em termos de gênero literário, historicidade dos relatos sobre os feitos e sobre o próprio protagonista, intenções e inserção do autor na narrativa. Filóstrato é o narrador da obra, que tem um forte caráter apologético.

Consideramos que a *VA* tem uma natureza biográfica, apresentando elementos fundamentais do gênero na Antiguidade, tais como um fundo histórico e a própria mistura de relatos da história de vida do personagem com elementos de ficção. Ademais, Filóstrato cita que escreve uma *bios* de Apolônio de Tiana (Fil., *V. A.*, V, 39).

No entanto, há criações intencionais do autor na *VA* que chegam a acentuar o que poderia se caracterizar como uma ficção: como a possível invenção das viagens de Apolônio para regiões fora da Grécia e do Oriente grego. Já Elsner (1997) exclui totalmente a possibilidade de as viagens terem acontecido, dizendo que as mesmas eram um *topos* retórico da Segunda Sofística, pois correspondiam aos lugares canônicos da retórica geográfica da época: Índia, Babilônia, Ásia Menor, Atenas, Esparta, Roma, Gades, Líbia e Egito. Maria Dzielska (1986) considera que o Apolônio histórico realizou suas atividades apenas em poucas cidades da Ásia Menor, especialmente em Éfeso, Egeia, Tiana e Antioquia. Para esta historiadora, Apolônio jamais esteve na Índia, na região da Pérsia ou na Bética, e ele não era conhecido a partir de uma perspectiva de todo o Império.

Para nós, possivelmente, nem todas as viagens de Apolônio eram invenções filostratianas, até mesmo porque elas eram relatadas nas cartas consideradas pela

tradição como de autoria do próprio Apolônio; ou seja, faziam parte de uma tradição paralela à obra de Filóstrato. Concordamos com a possibilidade da real existência de Apolônio como viajante, mas acreditamos que parte considerável das viagens eram criações de Filóstrato, conforme seus interesses em mostrar a importância de determinadas regiões do Império Romano, o que discutiremos nesse artigo em relação à cidade de Alexandria, no Egito.

Portanto, o que vemos, é a mescla, na *VA*, de elementos variados, que mostram aspectos próprios dos estilos literários de Filóstrato, caracterizados em outras obras de sua autoria, como o biográfico, na *VS*, e a ficção, no *Heróicos*. Além disso, ela prenuncia elementos hagiográficos e traz, certamente, as intenções, as seleções, o universo cultural, o contexto e os aspectos ideológicos de seu biógrafo, projetados em características de seu biografado. Sendo assim, acreditamos que podemos chamar a *VA* de biografia, mas devemos estar atentos ao hibridismo como característica de seu gênero literário.

Além disso, temos que considerar que o Império Romano em que Filóstrato viveu e escreveu, a época da dinastia dos Severos (193-235), era um importante momento de reconfiguração dos contatos político-culturais entre diferentes tradições e povos. O que pode ser percebido na própria origem do primeiro imperador da dinastia, Septímio Severo (193-211), que era da província da África Proconsular; na origem síria da primeira imperatriz, Júlia Domna, e também dos imperadores Heliogábalo (218-222) e Severo Alexandre (222-235); e na introdução de práticas orientais, principalmente sírias, nos costumes da corte. Simon Swain (2009, p. 34) nos indica que os Severos foram uma dinastia diferente por não possuírem ligações com a Península Itálica e nem conexões político-culturais com as dinastias anteriores.

A viagem de Apolônio de Tiana a Alexandria: realidade ou criação filostratiana?

Antes de analisar a passagem de Apolônio por Alexandria, objeto central do artigo, cumpre destacar por que estamos considerando a visão do tianeu sobre cidade egípcia como a do próprio Filóstrato.

Como já comentamos acima, muito tem sido discutido sobre a possibilidade de as viagens de Apolônio de Tiana na *VA* terem acontecido em sua trajetória histórica, ou se as mesmas foram criações do sofista autor da obra. Em relação a Alexandria,

acreditamos que tal viagem, que teria acontecido, conforme a *VA*, em 69, ano dos quatro imperadores, possa ser uma criação de Filóstrato. Alexandria não aparece nas cartas de Apolônio de Tiana; havia apenas uma menção em uma carta (Apolônio de Tiana, *Carta 34*), endereçada aos sábios do Museu, que, no entanto, não é referida aos sábios do Museu de Alexandria propriamente, embora, havendo muitos Museus (santuários das Musas) no período, este tenha sido o mais famoso da época, como indica Jones (2005, p. 29).

Podemos desenvolver vários argumentos para considerar a estadia de Apolônio em Alexandria como criação filostratiana. Alexandria era caracterizada nas obras literárias por sua intensa vida religiosa. Trapp (2004) nos dá exemplo de como essa característica era uma percepção marcante nos textos de outros escritores gregos da Segunda Sofística, como Filóstrato. Além disso, Alexandria era, como já comentamos, uma das maiores cidades do império: “economicamente ela permanecia como a rainha do Mediterrâneo oriental” (TRAPP, 2004, p. 113). Por todos estes motivos, a cidade pode ter chamado a atenção de Filóstrato para descrever Apolônio viajando por ali. Da mesma forma, ela também pode ter atraído o sofista por ter sido um local de visita do imperador Vespasiano, que havia assumido recentemente o trono imperial, propiciando o cenário para a descrição do encontro entre Apolônio e o governante.

Mesmo afirmando que a visão sobre Alexandria na *VA* era de Filóstrato, Trapp (2004), no entanto, parece concordar que a viagem tinha feito parte do roteiro do Apolônio histórico, não sendo uma criação filostratiana. Embora este estudioso não afirme isso de forma direta, ao refletir sobre a comparação dos discursos de Apolônio e Dião de Prusa sobre a cidade, ele diz que: “Eu acredito que Apolônio vai para Alexandria primeiro e ataca seus vícios mais fortemente e com um claro olhar que Dião teria feito depois” (TRAPP, 2004, p. 124). Discordamos de Trapp e percebemos que, com tal argumento, esse estudioso acaba desconsiderando os objetivos de seu próprio texto, que é a análise da cidade de Alexandria pelo olhar dos membros da Segunda Sofística. Uma vez que o representante da Segunda Sofística era Filóstrato e não Apolônio, desconsiderar a estadia deste último em Alexandria como uma criação filostratiana iria contra a possibilidade de análise que objetiva Trapp (2004), a nosso ver.

Trapp (2004) ainda percebe que havia um relativo silêncio nas obras dos escritores gregos do Império Romano que escreviam sobre Alexandria no que toca à intensa vida cultural da cidade, o que concordamos no que tange aos comentários de

Filóstrato na *VA*. Nada é dito sobre as relações de Alexandria com o resto da província do Egito, ou sobre o papel da cidade como um centro administrativo; nada é dito sobre a substancial população não grega da cidade, sejam judeus ou nativos egípcios (TRAPP, 2004, p. 124). Para o autor, este silêncio se deve ao fato de que estes autores escreviam para a elite grega e não se interessavam por povos fora do círculo do helenismo. Filóstrato, inclusive, surpreende muito mais o pesquisador por não citar os sofistas por ele biografados na *VS* em prestigiosos discursos em Alexandria (TRAPP, 2004, p. 125), uma cidade onde o ensino de retórica era tão desenvolvido quanto em outras partes do mundo de língua grega (TRAPP, 2004, p. 126). Trapp, contudo, responde afirmando que Filóstrato era muito seletivo sobre as áreas que escolhia para apresentar o desenvolvimento da retórica sofística.

Acrescentamos às observações de Trapp (2004) sobre o relativo silêncio de Filóstrato em relação à vida cultural de Alexandria, nossa ideia de que, para o sofista grego, pareceu mais interessante observar o que estava errado, em sua visão, na cidade, mostrando Apolônio como ordenador de cultos e de costumes, conforme os valores gregos tradicionais – como veremos a seguir –, e como conselheiro de governantes, já que foi em Alexandria que o tianeu encontrou Vespasiano.

Sendo Alexandria uma cidade que deveria ser mostrada como dentro da geografia da Segunda Sofística de Filóstrato, nos perguntamos, todavia, por que a mesma está dentro das rotas de Apolônio de Tiana na *VA*?

Para nós, uma vez que Alexandria era um centro de conhecimento do mundo antigo, configurava-se como um lugar no qual um sábio como o Apolônio filostratiano não poderia deixar de visitar.

Ademais, Alexandria era uma cidade cosmopolita, e mesmo que Filóstrato não tenha apresentado essa característica na *VA*, ele certamente não desconhecia essa informação. O espaço urbano da cidade atraía uma população muito diversificada, desde macedônios, egípcios, gregos, judeus, mercadores gauleses, viajantes do Oriente e de todo Mediterrâneo, escravos núbios, entre outros (BALTA, 2005, p. 144-145). O sofista e filósofo Dião de Prusa, a quem Filóstrato certamente leu por estar entre os biografados da *VS* (I, 487), por exemplo, em um discurso dirigido à população de Alexandria, menciona como diferentes povos transitavam pela cidade:

Pois eis que no meio de vocês, há não apenas gregos e italianos e pessoas da vizinha Síria, Líbia, Cilícia, nem apenas etíopes e árabes de regiões mais distantes, mas também bactrianos, citas, persas e alguns índianos, e todos estes ajudam a formar o público em seu teatro e sentam-se ao lado de vocês, em cada ocasião. Por isso, enquanto vocês, por acaso, estiverem a ouvir uma única harpista, e também um homem com quem vocês estão bem familiarizados, vocês estarão sendo ouvidos por inúmeros povos que não estão. E enquanto vocês estão assistindo a três ou quatro cavaleiros, vocês mesmos estão sendo vigiados por inúmeros gregos e bárbaros também (Dião de Prusa, *Discurso XXXII*, 40).

Com a característica cosmopolita ressaltada acima, Alexandria era um lugar do Império que não poderia ter ficado de fora dos roteiros do Apolônio de Tiana filostratiano, caracterizado como um sábio cosmopolita em toda *VA*, como lemos na seguinte passagem: “Minha é toda a terra e me está permitido viajar por ela toda” (Fil., *V. A.*, I, 21).

Cabe considerar, da mesma maneira, um aspecto essencial da relação da cidade de Alexandria com o Apolônio de Filóstrato. A cidade de Alexandria foi fundada por Alexandre Magno, fazendo referência a seu nome. Devemos destacar que foi muito forte a ligação dos Severos, dinastia no poder na época de escrita da *VA*, com a imagem de Alexandre, considerado pela tradição como um grande conquistador de territórios orientais. Bancalari Molina (2007, p. 244-246) nos informa que a referência ao monarca se tornou quase obrigatória nos escritores da época imperial. Dentre os imperadores júlio-claudianos, Calígula e Nero se destacaram na admiração por Alexandre. Trajano adulou o macedônio por seus triunfos militares e por suas conquistas orientais. Com os Severos, Alexandre, que representava o êxito militar, o elemento de coesão dos povos, foi o referente perfeito. Septímio Severo usava o mito de Alexandre com intuídos propagandísticos e, conforme Dião Cássio (*Hist. rom.*, LXXV, 13, 2), este imperador não deixou de visitar o túmulo de Alexandre em uma de suas viagens.

Durante o governo de Caracala (211-217), a figura de Alexandre tomou grandes proporções na imagem do imperador romano.

No governo de Caracala, a *aemulatio/imitatio Alexandri* chegou a um dos pontos mais fervorosos. Tanto a pessoa quanto o mito e o culto ao macedônio foram reforçados em Roma por este príncipe, que tinha forte obsessão e mania de considerar-se o novo Alexandre, chegando inclusive a chamá-lo, como conta Dião Cássio, de “Augusto do Oriente” [...]. Assim como alguns historiadores insistem na alexandrofilia do imperador, igualmente a arqueologia evidencia outros indícios do fanatismo e da admiração que ele sentiu pelo jovem

conquistador. Por exemplo, um camafeu mostra a Augusta Júlia Domna representada como Olímpia, a mãe de Alexandre. Por sua vez, o culto religioso que se praticava em honra de divindades greco-orientais como Ísis, Serápis, Hércules e outras, confirmam que o imperador buscava se assimilar a Alexandre (BANCALARI MOLINA, 2007, p. 247-248).

Sobre Caracala e Alexandre, Dião Cássio escreveu:

Agora, este grande admirador de Alexandre, Antonino [referindo-se a Caracala], gostava de gastar dinheiro com os soldados; e ele manteve um grande número deles para lhe prestarem assistência, alegando uma desculpa atrás da outra e uma guerra atrás da outra (*Hist. rom.*, LXXVIII, 9).

A imagem de Alexandre Magno também estava ligada ao surgimento de Alexandre Severo (222-235) no cenário político romano. Dião Cássio (*Hist. rom.*, LXXX, 18, 1-3) escreveu sobre o aparecimento do espírito do macedônio na Mésia Superior e na Trácia na época de adoção de Alexandre Severo por Heliogábalo, seu primo e, então, imperador. A própria utilização do nome de Alexandre por Severo ligava-o ao monarca referenciado por sua dinastia, nome adotado pela primeira vez entre os imperadores romanos, conforme indica Millar (1993, p. 149).

Não podemos deixar de perceber que o Apolônio da *VA* seguia alguns passos do monarca macedônio, especialmente em sua viagem para a Índia (Livros I e II). Isso, para nós, está relacionado ao contexto no qual o sofista Filóstrato escrevia, em que a imagem de Alexandre se encontrava muito presente nas representações imperiais. Desta maneira, situar Apolônio de Tiana passando por Alexandria era algo necessário, considerando que estamos percebendo a viagem do tianeu para a capital da província do Egito como uma criação do autor da *VA*.

Por fim, faz-se necessário observar outros dois acontecimentos do período severiano – no qual viveu e escreveu Filóstrato – em relação a Alexandria, fatos que podem ter influenciado na importância concedida pelo sofista à passagem de Apolônio por esta cidade.

O primeiro deles trata da restituição da *boulé* de Alexandria por Septímio Severo, em 200-201 (CLÍMACO, 2011, p. 65). A *boulé*, a saber, era o senado ou conselho municipal das cidades do Império Romano de origem helênica. O correspondente em latim da *boulé* era a *curia* da parte ocidental do Império. Alexandria havia perdido o direito de ter a *boulé*, organizada na época de sua fundação por Alexandre,

possivelmente no período de Augusto, ou mesmo antes, na época ptolomaica, não havendo um consenso entre os historiadores sobre essa informação. Desta forma, podemos ligar este feito de Septímio a uma reintegração de instituições de origem grega na cidade de Alexandria. Sendo Filóstrato um forte defensor dos gregos no Império, novamente a ida de seu Apolônio para esta cidade se fazia extremamente importante diante da contextualização dos Severos e de uma medida como esta.

O segundo importante acontecimento do período severiano em relação a Alexandria foi o massacre dos alexandrinos pelo imperador Caracala, em 215. Herodiano (*História do Império Romano*, IV, 9) e Dião Cássio (*Hist. rom.*, LXXVIII, 22-23) nos contam sobre esse massacre, que aconteceu, segundo a documentação, pelo fato de os habitantes de Alexandria ridicularizarem o imperador e seus atos. Tal evento também pode ter contribuído, em nossa leitura, para trazer à cidade de Alexandria as atenções de Filóstrato.

Desta forma, diante de todos os argumentos que apresentamos, pensamos que a viagem de Apolônio a Alexandria foi uma criação filostratiana, assim como os episódios narrados durante a estadia do tianeu nesta cidade são fruto das ideias do sofista grego. Apresentaremos a seguir como Filóstrato representa a cidade por meio de seu Apolônio.

A visão de Filóstrato sobre Alexandria

Alexandria, cidade fundada por Alexandre Magno em 331 a.C., era a capital do Egito ptolomaico e tornou-se a da província do Egito com a conquista romana por Otávio, o futuro imperador Augusto, em 30 a.C. Era uma das maiores, mais importantes e mais polêmicas cidades do Império Romano. De acordo com Joana Clímaco (2013, p. 148):

Além de Roma, nenhuma cidade no alto Império Romano foi mais caracterizada e criticada por escritos de fora do que Alexandria. As imagens produzidas no período romano criaram representações da cidade que a historiografia contemporânea perpetua: uma cidade linda, turbulenta e enorme, que ficava atrás apenas de Roma.

Atento às transformações no espaço político-geográfico de sua época, Filóstrato não podia deixar de mencionar seu Apolônio, um sábio viajante, em uma cidade como

Alexandria. No entanto, as passagens da *VA* que descrevem a relação de Apolônio de Tiana com a cidade não são extensas.

Na maior parte da narração sobre a estadia de Apolônio nesta importante cidade, Filóstrato apresenta uma discussão sobre a melhor forma de governo, sobre a tirania e o poder imperial e sobre o papel de Apolônio como conselheiro de monarcas, o que era uma função do tianeu mostrada em diversas outras situações durante a *VA* (I, 29; I, 38, V, 30). A descrição do espaço urbano de Alexandria, em si, recebeu pouca atenção durante a narrativa, mas isso não é motivo para não a analisar. Parece-nos que a maior preocupação de Filóstrato, ao descrever a estadia de Apolônio em Alexandria, o que rendeu mais páginas escritas, era mostrar o encontro entre o tianeu e o imperador Vespasiano, encontro que, fictício ou não, teve esta cidade como palco. No entanto, importantes observações sobre a relação de um sofista grego como Filóstrato com o Império Romano podem ser feitas pelas curtas passagens que tratam da visão de Apolônio sobre a cidade de Alexandria.

Sendo assim, ao chegar a Alexandria, Apolônio, pela descrição filostratiana, foi recebido com mais honras do que um governador de província; todos possuíam uma admiração extraordinária por ele e queriam escutá-lo discursar, especialmente porque os habitantes do Egito eram, nos dizeres do narrador, apaixonados pelos assuntos divinos:

Alexandria o amava, ainda que ausente, e sentiam muito sua falta. Além disso, no alto Egito, por serem seus habitantes apaixonados pelos assuntos divinos, suplicavam que visitasse seus povos, pois suplicavam que muitos chegavam ali no Egito e muitos do Egito haviam se misturado com os dali. Apolônio era muito conhecido entre eles e os ouvidos dos egípcios se dirigiam até ele. Quando caminhava desde o navio até a cidade, o olhavam como se fosse um deus e abriam caminho para ele nas ruas como aos que portam objetos sagrados. Enquanto era acompanhado com mais pompa que os governadores de províncias, doze homens eram conduzidos até um lugar de execução, alguns bandidos, segundo a acusação (Fil., *V. A.*, V, 24).

Concordamos com Michael Trapp (2004, p. 122) que a religiosidade da cidade era apresentada por Filóstrato em tom de respeito. Para nós, isso fazia parte da própria tradição de Alexandria como uma terra de sábios, com tradicionais templos religiosos,

além do respeito que os antigos tinham pelos costumes milenares egípcios.⁵ No entanto, Apolônio foi mostrado como compreendendo mais sobre os assuntos religiosos locais que os habitantes da cidade (TRAPP, 2004, p. 122). Desta forma, um papel bem interessante que Apolônio também iria cumprir durante sua estadia em Alexandria, que era uma função que ele desempenhava em outras localidades visitadas, segundo a *V/A* (III, 58; IV, 24; IV, 31; IV, 40; V, 20): a de ordenador de ritos religiosos, conforme as tradições antigas gregas:

[...] se a cidade era grega e os cultos conhecidos, após convocar os sacerdotes, filosofava sobre os deuses e corrigia o que desviava das práticas tradicionais. Acaso a cidade fosse bárbara, e seus cultos diferentes, se informava de quem os havia instaurado e por que havia feito isso; uma vez informado de como o culto era desenvolvido e após sugerir algo mais sensato do que era feito, se pudesse, reunia-se com seus discípulos e lhes instigava a perguntarem o que quisessem (Fil., *V. A.*, I, 16).

Na cidade de Alexandria, Apolônio realizou mudanças nas práticas religiosas e entabulou uma discussão com o sacerdote egípcio sobre o valor dos sacrifícios de sangue em ritos religiosos, aos quais ele se opunha:

Quando subiu ao templo, a ordem que colocou ali e a razão que deu para cada coisa pareciam dispostas pela sua sabedora divina. No entanto, a respeito do sangue de touro e de gansos e sobre os sacrifícios, não aprovava tais práticas, nem assistiu aos banquetes dos deuses (Fil., *V. A.*, V, 25).

Acreditamos que, ao mostrar Apolônio sendo extremamente reconhecido em Alexandria e os sacerdotes acatando seus conselhos, Filóstrato deixava entrever uma vontade de mostrar como a cultura grega era superior e reconhecida no local, mesmo diante da respeitada cultura egípcia. Ademais, o sacerdote egípcio da cidade aceitou as propostas de mudanças religiosas feitas pelo grego Apolônio.

Mas o feito mais importante de Apolônio em Alexandria, que talvez seja o mais significativo para a compreensão da visão de Filóstrato sobre a cidade, estava em um discurso do tianeu à população. Apolônio discursou contra as corridas de cavalos no hipódromo, espetáculo que ele censurava por considerar relacionado ao derramamento de sangue e à violência:

⁵ No período ptolomaico foi valorizada, em Alexandria, a entrada de homens considerados eruditos de todo Mediterrâneo, a fim de fazerem carreira no Museu e na Biblioteca da cidade (CLÍMACO, 2011, p. 65).

Como Alexandria estava muito atraída pelas corridas de cavalos e frequentava-se os hipódromos para este espetáculo, sendo que sua população chegava a matar-se, Apolônio, por isso, lhes dirigiu um conselho. Após entrar em um templo disse:

-Até quando seguirão morrendo? Não por seus filhos, nem pelos templos, mas por contaminarem os recintos sagrados ao chegarem cheios de sangue coagulado para deixá-los matar dentro das muralhas? Tróia, pelo que parece, foi saqueada por um único cavalo, o que chocaram os aqueus, mas a vocês, lhes subjagam carros e cavalos e por sua culpa não podem viver em paz. Morrerão, então, não nas mãos de Átridas, nem Eácidas, mas nas mãos de outros, coisa que os troianos não teriam feito nem em estado de embriaguez (Fil., V. A., V, 26).

A violência das corridas de cavalo na cidade de Alexandria também foi censurada pelo filósofo Filão de Alexandria, em suas obras *De Agricultura* (312, 76) e *Legum Allegoriae* (3, 223). Além disso, este discurso de Apolônio possuía a mesma temática de censura aos aspectos de divertimento dos alexandrinos contida em passagens do *Discurso XXXII*, de Dião de Prusa, um sofista como Filóstrato. Nesta conferência, também realizada para os habitantes de Alexandria, Dião de Prusa afirmou:⁶

Por essa razão, portanto, eu estava certo em dizer que lhes falta seriedade, pois vocês mesmos não são sérios, nem são sérios com quem estão familiarizados, e muitas vezes veêm ante de vocês mímicos e bailarinos que dobram agilmente os pés, homens que cavalgam em velozes cavalos, aptos a se mexerem. [...] Isso, na verdade, é a natureza do que se vê regularmente aqui, e está dedicado a interesses de que é impossível ver inteligência, prudência, disposição ou a devida reverência aos deuses, mas é uma disputa apenas estúpida, uma ambição desenfreada, uma tristeza vã, uma alegria sem sentido, uma zombaria e uma extravagância. Ao dizer essas coisas, eu não estou tentando desviá-los de tais divertimentos e passatempos de seu povo ou propor licitação para colocar um fim a eles – eu deveria estar louco para tentar isso –, mas eu estou pedindo que, assim como vocês dedicam-se rapidamente e constantemente para esse tipo de coisa, então, vocês devem finalmente ouvir um discurso honesto e adotar a franqueza, cujo objetivo é o seu próprio bem-estar (Dião Pru., *Disc. XXXII*, 4-5).

⁶ Dião de Prusa viveu por volta dos anos 40 e 115 d.C., sendo também conhecido como Dião Crisóstomo e Dião Cocceiano. Escolhemos chamá-lo de Dião de Prusa por ser a forma como Filóstrato o denomina na biografia deste sofista na *VS* (I, 487). Nasceu na província do Ponto-Bitínia e teve sua produção literária composta durante o governo dos imperadores Vespasiano, Tito, Domiciano, Nerva e Trajano. Dião teve a primeira fase de seus escritos voltada para os discursos sofisticos, para, em seguida, dedicar-se à filosofia. Foi um dos intelectuais mais admirados por Filóstrato na *VS* (I, 487), a quem elogiava a perfeição em tudo que fazia.

Também devemos observar que Filóstrato (*V. A.*, V, 26), por meio de seu Apolônio, comparava Alexandria a Tróia, assim como Dião em relação à questão dos cavalos, fazendo uma metáfora entre a destruição de Tróia pelo cavalo de madeira e a destruição moral de Alexandria pelos costumes, no caso a corrida de cavalos, considerada violenta por ambos:

Por isso, temo que vocês possam perecer como os troianos – se me é permitido a observação banal de que Tróia também foi destruída por um determinado cavalo. No entanto, enquanto os troianos foram levados cativos por um único cavalo, sua captura é o trabalho de muitos cavalos (Dião Pru., *Disc. XXXII*, 88).

Da mesma forma que Dião de Prusa, Apolônio aparece na *VA* como um conselheiro moral do povo de Alexandria. A comparação entre estes discursos é inevitável. Trapp (2004, p. 123) acredita que Filóstrato fez esta descrição de Apolônio de maneira a nos convidar à comparação, especialmente porque, logo na sequência do discurso, o apresenta dialogando com Dião de Prusa, considerado amigo do tianeu na *VA*, e com o filósofo Eufrates, na frente de Vespasiano. Trapp (2004, p. 119) considera que em outros discursos de Dião, como o destinado aos habitantes de Rodes, por exemplo, haveria uma mensagem similar e uma proposta moral, mas que neste, voltado para os habitantes de Alexandria, o sofista apresentaria um brilho extra, sugerindo que haveria neste discurso uma esperança a mais de Dião em relação aos alexandrinos e uma ideia comum à época de que a cidade era um lugar inconstante e marcado por rebeliões, deslealdades e ilegalidades. Como exemplo disso, o autor cita uma carta ao imperador Adriano, transmitida na *História Augusta*. O que nos parece é que Filóstrato concordava com Dião de Prusa em suas percepções sobre Alexandria, transmitindo uma imagem muito similar na *VA*.

Cumpramos, como observado por Trapp (2004, p. 120), que Herodiano, ao narrar o massacre dos alexandrinos por Caracala, chamado por ele de Antonino, ressaltava a crença em uma disposição natural dos alexandrinos para revoltas. O que lemos nas passagens a seguir:

Assim que estas notícias chegaram aos habitantes de Alexandria, povo naturalmente imprudente e facilmente influenciável, ficaram todos surpresos ao saber do extraordinário afeto do imperador (Her., *Hist. imp. rom.*, IV, 8, 7).

Quando vivia em Roma [referindo-se ao imperador Caracala], tanto quando seu irmão ainda estava vivo como depois de seu assassinato, havia recebido informações de que os alexandrinos o ridicularizavam com frequência. Os alexandrinos, realmente, sentem certa propensão natural à piada, aos comentários caricaturais mordazes e aos gracejos, e dirigem contra os poderosos frequentes provocações, que a eles lhes parecem engraçadas, mas que irrita, sobretudo porque coloca em evidencia a verdade de seus erros. Imaginaram, portanto, numerosas brincadeiras sobre o imperador, faziam referencia ao assassinato de seu irmão e de sua velha mãe, que chamavam de Jocasta; ridicularizavam-no também porque, sendo um homem pequeno, queria imitar Alexandre ou Aquiles, que eram heróis muito fortes e de grande estatura. Ainda que não desse grande importância aos alexandrinos, todas aquelas brincadeiras forçaram Antonino, cujo comportamento era colérico e sanguinário, a tramar um plano de perdição contra eles (Her., *Hist. imp. rom.*, IV, 9, 2-4).

Herodiano, a saber, ocupou cargos públicos e foi um historiador contemporâneo de Filóstrato. Como podemos ler, parece ter existido uma imagem de Alexandria na época da dinastia dos Severos, período em que estes dois escritores viveram, pelo menos entre homens que compartilhavam dos mesmos interesses dos grupos das elites, como eles. Tal imagem estaria ligada à cidade como um lugar de revoltas. Mas o interesse de Filóstrato não era narrar o caráter revoltoso dos alexandrinos, mas sim censurar uma prática de divertimento encontrada na cidade, assim como Dião de Prusa.

Na continuação do trecho supracitado da *VA* (V, 26), Apolônio, como vimos, criticou as corridas de cavalos no hipódromo e defendeu a cultura grega no Império Romano, discursando a favor das competições de luta tipicamente gregas, o pugilato e o pancrácio, que eram realizadas em Olímpia, chamando os alexandrinos para respeitarem o Egito e o rio Nilo:

E mais: em Olímpia, onde há competições de luta, do pugilato e do pancrácio, não morreu ninguém por culpa dos atletas, ainda que haveria tido desculpas se algum tivesse cometido o excesso. Mas aqui é por causa dos cavalos que as espadas de um se colocam contra outro desnudas e os apedrejamentos andam na ordem do dia. Caia fogo sob uma cidade assim, onde reina o lamento e a jactância 'de matadores e mortos e a terra emana sangue.' Respeita a cratera comum do Egito, o Nilo! Mas para que lembrar do Nilo a homens que medem mais suas cheias com sangue do que com água? (Fil., *V. A.*, V, 26).

Desta maneira, Filóstrato, pelas palavras de Apolônio, considerava que os habitantes de Alexandria deveriam respeitar o Egito; mas, ao lhes propor diversões dignas de serem realizadas, enfatizava tradições gregas.

Ao analisar a visão dos romanos sobre a cidade de Alexandria, Clímaco (2013, p. 149) nos mostra que:

Muitos relatos sobre a metrópole egípcia produzidos por não-alexandrinos nos fornecem importantes elementos para analisar a cidade segundo posições imperiais, pois a cidade é definida a partir de jogos de poder e das relações estabelecidas com Roma. Nesse sentido, os relatos não apenas caracterizam e definem Alexandria, mas lançam luz sobre as preocupações e anseios romanos com relação à cidade que conquistara crescente importância no Mediterrâneo.

Concordamos com a autora e observamos que tal interpretação também pode ser válida para o caso dos gregos inseridos nas estruturas político-administrativas do poder imperial romano, como Filóstrato. Desta maneira, o que podemos compreender da passagem citada acima da *VA* é que Filóstrato deu voz a Apolônio a fim de criticar um elemento da cultura romana que era encontrado em uma cidade provincial, as corridas de cavalo e a violência que ele atribuíam a estas práticas, nas quais homens chegavam a matar uns aos outros, em seus dizeres. No entanto, ele propõe as lutas gregas como forma alternativa de elemento identitário para o Império.

Diferente de outras passagens da *VA*, nas quais ele encontrou elementos da cultura grega nas cidades por onde passou, em Alexandria isso não aconteceu, embora a cidade tenha sido fundada por Alexandre. Filóstrato, assim, criticou o que viu e defendeu a exaltação da cultura grega. Nas palavras do narrador, com suas mudanças nas práticas religiosas, com seus aconselhamentos sobre práticas culturais, Apolônio fez os habitantes de Alexandria melhores (Fil., *V. A.*, V, 28).

Sobre a crítica de autores da época imperial aos costumes encontrados em Alexandria, no caso mais específico, os costumes voltados ao lazer, Clímaco (2013, p. 164) sugere:

[...] um modo de desviar o foco da Alexandria prazerosa e cultural, que estaria atraindo multidões e se destacando no setor. A elite romana não estimulava o desenvolvimento dessa tendência, pois, por um lado, poderia aglomerar multidões e repercutir em caos e, pelo outro, a Capital do Império nos setores de entretenimento era Roma e não deveria haver outra.

Não discordamos da autora, mas acreditamos que, no caso das críticas de Apolônio de Tiana, devemos observar a relação das mesmas com a identidade grega em interação com o Império Romano, preocupação constante de Filóstrato.

Clímaco (2013, p. 150-152) também nos informa que, pela relativa helenização da cidade de Alexandria, devido à sua fundação por Alexandre, a mesma tornou-se foco dos gregos. O grego Plutarco, por exemplo, é mostrado pela autora citando Alexandria como um estabelecimento grego e Alexandre inspirado pelo poeta Homero na hora da fundação da cidade, o que ela interpreta como uma forma de Plutarco legitimar a herança helênica de Alexandria. Acreditamos que talvez seja por isso que Filóstrato, que era um defensor da cultura grega em todo seu *corpus* documental, levantou tantas críticas à cidade, quando percebeu costumes não helenizados na mesma.⁷ É assim que vemos as críticas a um costume da cultura romana que ele não aceitava, justamente na passagem de Apolônio por esta cidade. Além disso, conforme Daniel de Figueiredo (2012, p. 72), Alexandria possuía uma intensa circulação de pessoas de diferentes lugares, o que contribuía não apenas para a troca de bens materiais entre elas, mas criava, da mesma forma, um ambiente propício para o intercâmbio de bens culturais. Para nós, afirmar a cultura grega em um ambiente como esse era algo muito importante de ser feito por Filóstrato, por meio de Apolônio de Tiana.

Em nossa concepção, portanto, Alexandria se tornou o local mais propício para a crítica de Filóstrato a um costume romano considerado violento, oferecendo aos alexandrinos, em contraponto, as práticas gregas como mais salutares.

Mas isso não significava que Filóstrato era contra Roma. Devemos analisar esta crítica e a exaltação das práticas gregas – no caso o pugilato e o pancrácio – como um modo de inserção de Filóstrato no Império Romano, mas do que uma censura propriamente dita. A defesa exagerada da cultura grega nas obras dos membros da chamada Segunda Sofística recebeu diversas análises, que podemos classificar, *grosso modo*, em duas visões opostas: a de negação à política e aos valores romanos (BOWIE, 1981; 1982; SILVA, 2007); e a de exaltação da cultura grega com o intuito de se integrar ao Império Romano (BOWERSOCK, 1969; GASCÓ, 1990; WHITMARSH, 2001; HIDALGO DE LA VEGA, 2001; 2002; GUARINELLO, 2009).⁸

⁷ De certa maneira, em todas as obras consideradas pela tradição como sendo de Flávio Filóstrato, havia uma defesa exagerada dos valores gregos, tais como das práticas de ginástica, em *Ginástico*, do culto a alguns heróis mitológicos, em *Heróico*, e das tradições dos sofistas e a inserção dos mesmos nas estruturas do Império Romano, em *Vidas dos sofistas*.

⁸ O texto de Ewen Bowie (1981) tem sua primeira edição em 1970, como resposta à obra *Greek sophists in the roman empire* (1969), de Glen Bowersock. Estamos utilizando a versão espanhola da editora Akal do texto de Bowie.

Pela análise da trajetória de Filóstrato, percebemos que o sofista estava totalmente inserido nas estruturas políticas e administrativas do Império, assim como os sofistas por ele biografados na *VS*. Filóstrato, inclusive, valorizava Roma e seu Império em passagens da *VA* (I, 38; V, 10). No entanto, ele não deixou de fazer uma crítica a um tipo de divertimento romano, como as corridas de cavalo nos circos. Sendo assim, a crítica a um entretenimento tipicamente romano, considerado violento, deve ser lida, em nosso entender, dentro das pretensões de Filóstrato como sofista. Consideramos que ele valorizava densamente os feitos dos gregos, sendo esta uma forma de se integrar no Império. Além disso, como já tratamos neste artigo, o momento cultural que Filóstrato vivia, a dinastia dos Severos, e as confluências culturais trazidas por esta corte, chamada por Carrié e Roussele (1999, p. 49) de eixo africano-sírio, eram propensos à necessidade de afirmação da identidade grega.

Neste sentido, ao perceber aspectos violentos em uma prática cultural na cidade de Alexandria, Filóstrato, por meio de Apolônio, aproveitou para lançar sua censura e propor elementos culturais gregos como superiores e dignos de serem praticados, demonstrando aos seus leitores que a cultura helênica podia ser um elemento de identificação em várias cidades do Império, como no caso de Alexandria. Apolônio, por meio das reformas e ordenamentos realizados na cidade de Alexandria, reforçaria aspectos da cultura grega e deixaria o Egito “repovoado e rejuvenescido”:

Após Vespasiano partir de um Egito repovoado e rejuvenescido, convidou Apolônio a lhe acompanhar em sua viagem, mas a ele não lhe pareceu uma boa ideia, pois não havia visto o Egito em sua totalidade, e ainda não havia chegado a conversar com os gimnosofistas; ainda possuía muita vontade de contrapor a sabedoria indiana à egípcia (Fil., *V. A.*, V, 37).

Filóstrato (*V. A.*, V, 25) não deixou de mencionar que Alexandria era uma cidade do Egito, caracterizando os alexandrinos como egípcios apaixonados por assuntos divinos. No final da estadia de Apolônio em Alexandria, uma passagem significativa demonstrava que Apolônio respeitava a religiosidade e as tradições locais, tratando-se do encontro de Apolônio com um leão domesticado como um cachorro, cuja alma era do antigo faraó egípcio Amasis. Apolônio recomendou aos sacerdotes que enviassem este leão para a cidade de Leontópolis, a fim de que ali fosse cultuado como um antigo faraó (Fil., *V. A.*, V, 42). Mas aqui Filóstrato parece rejeitar que Alexandria fosse uma cidade egípcia, pois aconselhou que enviassem o leão para o Egito.

Portanto, há uma espécie de confusão em tratar Alexandria como fazendo parte do respeitado Egito ou não. Pajares (1979, p. 330) acredita que Filóstrato mencione Alexandria como região à parte do Egito, nessa passagem, por a cidade ter costumes e tradições gregos muito fortes. No entanto, o que lemos na *V*A é a crítica do autor a certos costumes dessa cidade. Assim sendo, discordamos de Pajares (1979). Para nós, possivelmente, as críticas a Alexandria e a rejeição da mesma como parte do respeitado Egito se deviam às tradições da cidade, que havia perdido sua helenidade, na visão de Filóstrato. Assim, a afirmação de Filóstrato deve ser interpretada como a de um sofista grego em meio ao hibridismo e às confluências culturais percebidas na capital do Egito.

Considerações finais

Para finalizar este artigo, ressaltamos dois aspectos sobre a estadia de Apolônio em Alexandria, conforme a interpretação do texto de Filóstrato. O primeiro aspecto é que, para nós, Apolônio pode ser considerado uma espécie de sombra de Alexandre, sendo este o fator que fazia, em nossa leitura, com que as críticas de Filóstrato, por meio do protagonista Apolônio, aos costumes não helênicos, fossem mais ásperas na capital da província do Egito, cidade fundada pelo macedônio.

O segundo aspecto que merece nossa atenção é como Filóstrato, que viveu em meio à diversidade e ao hibridismo cultural do Império Romano, especialmente no contexto da dinastia dos Severos, afirmou uma cultura grega tradicional e homogênea de forma enfática em Alexandria. Compreendemos tal ação justamente por ser a cidade palco de tantas confluências culturais, como comentamos.

Nesse sentido, para nós, Alexandria tornava-se um local propício para a visita do tianeu, possivelmente uma criação filostratiana, e ideal para as críticas de Filóstrato e sua densa afirmação de elementos culturais gregos.

Referências

Documentação textual

- APOLLONIUS OF TYANA. Letters of Apollonius. In: PHILOSTRATUS. *The life of Apollonius of Tyana*: vol. III. Translated and introduction by Christopher Jones. London: Harvard University, 2006, p. 10-79.
- CASSIUS DIO. *Dio's roman history*. Translated by Earnest Cony. London: Harvard University, [19--].
- DIO CHRYSOSTOM. Discourse 32. In: DIO CHRYSOSTOM. *Discourses*. Disponível em: <http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Dio_Chrysostom/home.html>. Acesso em: 21 fev. 2014.
- EUSEBIUS. Reply to Hieroles. In: PHILOSTRATUS. *The life of Apollonius of Tyana*: vol. III. Translated and introduction by Christopher P. Jones. London: Harvard University, 2006, p. 145-257.
- FILÓSTRATO. *Vida de Apolônio de Tiana*. Introducción, traducciones y notas de Alberto Bernabé Pajares. Madrid: Gredos, 1979.
- FILÓSTRATO. *Vidas de los sofistas*. Introducción, traducciones y notas de María Concepción Giner Soria. Madrid: Gredos, 1982.
- HERODIANO. *Historia del imperio romano después de Marco Aurélio*. Traducción y notas de Juan J. Torres Esbarranch. Madrid: Gredos, 1985.
- LUCIANO. Alejandro o el falso profeta. In: LUCIANO. *Obras*. vol. II. Traducción de José Luís Navarro Gonzales. Madrid: Gredos, 1988, p. 392-426.
- PHILO. *On the agrarian law*. Translated by F. H. Colson. Cambridge: The Loeb classical library, 1984.
- PHILO. *Allegorical interpretation*. Translated by F. H. Colson. Cambridge: The Loeb classical library, 1929.
- PHILOSTRATUS. *The life of Apollonius of Tyana*: vol. I. Edited and translated by Cristopher Jones. London: Harvard University, 2005.
- PHILOSTRATUS. *The life of Apollonius of Tyana*: vol. II. Edited and translated by Cristopher Jones. London: Harvard University, 2005.

Obras de apoio

- ANDERSON, G. *Philostratus: biography and belles-lettres in the third century a.D.* London and Dover: New Hampshire, 1986.
- BALTA, P. El cosmopolitismo de Alejandría. *Quaderns de la Mediterrània*, Barcelona, n. 5, p. 141-152, 2005.
- BANCALARI MOLINA, A. *Orbe romano e imperio global: la romanización desde Augusto a Caracalla.* Santiago: Editorial Universitaria, 2007.
- BOWERSOCK, G. W. *Greek sophists in the Roman Empire.* Oxford: Clarendon, 1969.
- BOWIE, E. L. Los griegos y su pasado en la segunda sofística. In: FINLEY, M. I. (Ed.). *Estudios sobre historia antigua.* Madrid: Akal, 1981, p. 185-230.
- BOWIE, E. L. The importance of sophists. *Yale Classical Studies*, v. 27, p. 29-59, 1982.
- CARRIÉ, J-M. Les sévères. In: CARRIÉ, J-M.; ROUSSELLE, A. *L'empire romaine en mutation.* Paris: Éditions du Seuil, 1999. p. 49-88.
- CARRIÉ, J-M.; ROUSSELLE, A. Des sévères à Constantin. In: CARRIÉ, J-M.; ROUSSELLE, A. *L'empire romaine en mutation.* Paris: Éditions du Seuil, 1999. p. 192-337.
- CLÍMACO, J. C. Impactos da romanização em Alexandria: alguns debates bibliográficos. *História*, Goiânia, v. 14, p. 261-290, 2009.
- CLÍMACO, J. C. Alexandria romana por Dion Crisóstomo, Dion Cássio e Herodiano. *Alethéia*, Goiânia, v. 1, p. 61-84, 2011.
- CLÍMACO, J. C. A Alexandria antiga refletida pelo olhar romano. *Romanitas*, Vitória, n. 1, p. 148-169, 2013.
- DZIELSKA, M. *Apollonius of Tyana in legend and history.* Roma: L'Erma di Bretschneider, 1986.
- ELSNER, J. Hagiographic geographic: travel and allegory in The life of Apollonius of Tyana. *Journal of Hellenic Studies*, London, n. 117, p. 22-37, 1997.
- FIGUEIREDO, D. *A controvérsia nestoriana e suas implicações político-administrativas nas cartas de Cirilo de Alexandria (séc. V d.C.).* Dissertação de Mestrado, Franca: UNESP, 2012.
- GASCÓ, F. *Ciudades griegas en conflicto (s. I-III d.C.).* Madrid: Clásicas, 1990.
- GUARINELLO, N. L. Império romano e identidade grega. In: FUNARI, P. P.; SILVA, M. A. O. (Orgs.). *Política e identidades no mundo antigo.* São Paulo: Annablume, 2009, p. 147-161.

- HIDALGO DE LA VEGA, M. J. Identidad griega y poder romano en el alto imperio: frontera en los espacios culturales e ideológicos. In: LÓPEZ, P. B.; REBOREDA, S. M. (Eds.). *Fronteras e identidad en el mundo griego antiguo*. Santiago de Compostela y Vigo: Universidad de Santiago de Compostela y Universidad de Vigo, 2001, p. 139-156.
- HIDALGO DE LA VEGA, M. J. Ciudades griegas en el império romano. La mirada de los sofistas. *Studia historia*, Salamanca, n. 20, p. 75-114, 2002.
- JONES, C. Apollonius of Tyana's passage to India. *Greek, roman and byzantine studies*, Durham, n. 42, p. 185-199, 2001.
- MILLAR, F. *The roman near east (31 b.C.-37a.C.)*. London: Harvard University, 1993.
- SILVA, M. A. Plutarco e Roma: o mundo grego no império. Tese de Doutorado, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.
- SWAIN, S. Culture and nature in Philostratus. In: BOWIE, E.; ELSNER, J. (Orgs.). *Philostratus*. Cambridge: Cambridge University, 2009, p. 33-46.
- TRAPP, M. Images of Alexandria in the writing of the second sophistic. In: HIRST, A.; SILK, M. (Eds.). *Alexandria: real and imagined*. London: Ashgate, 2004, p. 113-132.
- WHITMARSH, T. Greece is the world: exile and identity in the second sophistic. In: GODHILL, S (Org.). *Being greek under Rome: cultural identity, the second sophistic and the development of empire*. Cambridge: Cambridge University, 2001, p. 269-305.